

Avaliação em Percussão I

TAMIÊ PAGES CAMARGO¹; DANIELA GAZIS²; JOSÉ EVERTON DA SILVA ROZZINI³

¹*Universidade Federal de Pelotas – tamiecamargo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – daniela.gazis@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – zeeverton@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar de que forma foi pensada e articulada a avaliação na disciplina de Percussão I, disciplina essa obrigatória para o terceiro semestre no currículo do curso de Música Licenciatura. A cadeira que ocorreu no primeiro semestre do ano de 2017 era acompanhada pelo professor e, pelo menos, um monitor do PEP (Projeto de Ensino de Percussão). O objetivo do projeto é a formação em percussão dos alunos do curso de música licenciatura da UFPel. O projeto contém um total de dois monitores, os quais tem, como um de seus deveres, acompanhar as aulas de percussão juntamente com o professor o auxiliando em atividades e propondo ideias para a aula. É também dever dos monitores refletir e problematizar acerca das metodologias utilizadas pelo professor regente da disciplina.

Considerando esse último, ao acontecer a primeira avaliação da cadeira de Percussão I, os monitores e o professor problematizaram a metodologia de avaliação que foi adotada. Foi observado que a forma de avaliação utilizada não foi muito eficaz, pois muitos alunos não pareciam estimulados em estudar percussão, enquanto todo o planejamento feito era para que isso se tornasse real. Além disso, foi perceptível a dificuldade dos alunos em executar os exercícios propostos para a prova. A partir dessa problematização foi preciso estudar mais a fundo sobre avaliação. A partir da visão de avaliação de Luckesi (2005) e de avaliação musical de diferentes autores como: Tourinho e Oliveira (2003); Hentschke e Souza, 2003; Andrade, Weichselbaum, de Araújo Araújo (2008). Esses autores discutem sobre a avaliação em música e a dificuldade desse processo quando se trata de artes, assim pudemos compreender melhor o que é avaliação e como colocá-la em prática.

Para Luckesi (2005) existe uma grande diferença entre as palavras avaliação e exame. Segundo Luckesi, avaliação não é pontual, ela é inclusiva e dinâmica, é um processo no qual é observado o que acontecia anteriormente, o que acontece no momento e o que irá acontecer. Para o autor, a avaliação é um processo que enxerga o processo pedagógico como construtivo e o ser humano como um ser em permanente aprendizado e desenvolvimento. A avaliação não se trata sobre um objetivo a ser alcançado por todos e sobre aprovar ou reprovar, mas se trata sobre o processo individual, sem a comparação com outros. Contrastando com a avaliação existe o que o autor chama de exame. Para ele os exames são pontuais, cortantes e classificatórios. Um exame contém um objetivo em comum para todos os alunos e visa que todos consigam alcansá-lo, caso isso aconteça, existe a aprovação, caso contrário, a reprovação. Em um exame não interessa o processo, a maneira como foi desenvolvido tal habilidade, interessa somente o resultado final. Por alguns alunos não se adequarem a esse sistema de exame, ele acaba sendo

cortante, pois essas pessoas são excluídas das atividades por não alcançar o objetivo final proposto.

De acordo com Hentschke e Souza “a condução da avaliação também é prevista como um meio para orientar a aprendizagem musical num processo contínuo e sistematizado” (Hentschke e Souza, 2003, apud Andrade, Weichselbaum, de Araújo Araújo, 2008). Além disso, os autores citam outros pesquisadores que discutem sobre a avaliação em música e a dificuldade desse processo quando se trata de artes.

“(...) difícil, uma vez que a avaliação não pode ser objetiva quando se trata de áreas que envolvem a criatividade ou, no caso da música, o que deve ser avaliado nem sempre tem uma resposta muito clara e simples.” (ANDRADE, 2001, p.8, apud Andrade, Weichselbaum, de Araújo Araújo, 2008).

Além disso os autores concluem que a discussão sobre a avaliação deve ser um processo de reflexão na qual fique definida a função do professor como mediador do processo educativo. A partir desses estudos foi possível uma maior reflexão sobre o processo de avaliação e do como podíamos colocar em prática nas aulas.

2. METODOLOGIA

Como previa o planejamento da cadeira, os alunos deveriam estudar os exercícios do livro “Método completo para caixa clara” (Rosauro, 1989) e também, a partir do estudo do método estudar ritmos brasileiros. Em aula eram apresentados, lidos e executados os exercícios de forma breve para que, em casa, os alunos pudessem estudar e levar pronto o estudo para a próxima aula.

Para a primeira avaliação, ocorrida em julho de 2017, o professor propôs que os alunos apresentassem alguns exercícios do método visto em sala de aula e também uma composição autoral de percussão corporal. Acreditávamos que essa seria uma avaliação justa, pois acreditávamos que algo composto por eles os daria mais estímulo para fazer tal avaliação, a qual é necessária para a conclusão da disciplina.

Após a avaliação os monitores se reuniram com o professor para discutir de que forma o conteúdo da aula poderia ser levado para os alunos para que eles conseguissem melhor proveito. Nessa reunião foram discutidas as possibilidades de fazer os estudos que estavam sendo feitos também a partir de peças musicais, pois os alunos percebiam os exercícios como uma tarefa difícil de ser executada, acreditamos que ao associar os estudos com uma peça musical o estímulo dos alunos seria maior. Além disso foi pensada a viabilidade de executar partes dessas peças em forma de apresentação para a turma a cada duas ou três aulas dadas, possibilitando os alunos a oportunidade de se apresentar e também receber dicas, conselhos e críticas do que melhorar e estudar nas peças, tanto do professor, dos monitores quanto dos demais alunos.

Considerando essa discussão, ao final do semestre, no mês de agosto, ocorreu um último dia no qual os alunos foram avaliados. Os alunos tocaram em conjunto as peças que tinham sido estudadas em sala de aula, para que o professor, pudesse observar o desenvolvimento dos alunos desde o primeiro dia de aula.

3. RESULTADOS

A partir da metodologia de avaliação discutida com o professor, modificamos algumas atividades em sala de aula. Iniciamos os estudos de maneira diferenciada e foi proposto para que os alunos tocassem para os outros em sala de aula, para que praticassem o tocar em grupo. Com essa metodologia foi possível que o professor pudesse observar cada aluno de forma individual e, também, pudesse apontar quais eram os tópicos que o aluno deveria focar em seus estudos. Além disso, as pequenas peças eram executadas em sala de aula anteriormente de forma bastante intensa, com muitas repetições até que era perceptível a compreensão dos alunos.

Nos atentamos bastante ao processo de aprendizagem do aluno, observávamos seu desempenho na percussão desde o início até aquele determinado ponto, sempre buscando considerar o estudo, o desenvolvimento e o empenho do aluno durante as aulas. Com a possibilidade dos alunos mostrarem seus estudos durante as aulas foi possível fazer a avaliação durante as aulas, e não considerando somente um dia de avaliação. Além disso, sempre foi levando em conta o pensamento de que todos os alunos são capazes de aprender percussão e também aprender música a partir de instrumentos percussivos, assim os alunos não eram excluídos por não terem conhecimentos prévios do assunto, pois tudo era executado, apresentado e discutido dentro de sala de aula.

Os professores avaliam de forma constante durante a aula, entre aulas e também de acordo com a média de rendimento de cada aluno. Essas avaliações acontecem de forma contínua, durante todo o processo de ensino. A experiência musical propicia experiências específicas às pessoas que tocam, a exemplo da incorporação, do conhecimento, da técnica e de capacidades cognitivas. (TOURINHO e OLIVEIRA, 2003, p. 18)

Ao propormos as pequenas peças para estudo e também a apresentação dos alunos nas aulas foi possível o real processo da avaliação, podendo perceber melhor seu desempenho.

4. CONCLUSÕES

Após o estudo sobre avaliação, pudemos concluir que a maneira com a qual estávamos trabalhando antes era o que Luckesi (2005) chamaria de exame, a qual é exigida pela academia, pois é preciso que os professores, de uma maneira ou outra, aprovem ou reprovem seus alunos nas disciplinas. Apesar de considerarmos o processo dos alunos a metodologia adotada anteriormente não permitia que o desenvolvimento dos mesmos fosse tão perceptível, assim atrapalhando o processo diagnóstico da avaliação.

Com a nova metodologia de avaliação, a qual contava com as pequenas apresentações dos estudos das peças pra turma a cada duas ou três aulas foi possível identificar melhor o desenvolvimento dos alunos durante a aula, considerando, assim, todo o processo dentro de sala de aula e não atendendo mais a somente um único dia de exame. Acreditamos que com esse processo os alunos conseguiram executar de forma satisfatória as peças propostas e foram avaliados de forma justa, não excludente e conseguindo

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE ANDRADE, M. A; WEICHSELBAUM, A. S.; DE ARAÚJO ARAÚJO, R. C. Critérios de avaliação em música: um estudo com licenciandos. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v.3, p.53-67, 2008.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem; visão geral. In: **Entrevista concedida ao Jornalista Paulo Camargo, por ocasião da Conferência: Avaliação da Aprendizagem na Escola, Colégio Uirapuru**. Sorocaba, SP. 2005.

TOURINHO, C.; OLIVEIRA, A. Avaliação da performance musical. In: HENTSCHKE, L; SOUZA, J. (Org.). **Avaliação em música: reflexões e práticas**. São Paulo: Editora Moderna, 2003. p. 13-28.